

**A MULHER NA SOCIEDADE: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA
RECONSTRUÇÃO DO DISCURSO*****WOMEN IN SOCIETY: A PEDAGOGICAL PROPOSAL FOR THE
RECONSTRUCTION OF DISCOURSE***

Roni Mello Peronio¹
Cíntia Saydelles da Rosa²
Ana Paula Cocco Bastos³
Graciela Marques Suterio⁴

Resumo: Os sentidos das palavras não são convenções aleatórias. Elas representam a ideologia dominante na sociedade e trazem consigo uma perspectiva histórica de poder. Não é à toa, por exemplo, que a palavra gênero seja tão debatida na sociedade, entre uma falácia denomina de “ideologia de gênero”, considerada como uma doutrinação que visa destruir a família brasileira e a igualdade de gênero, que se constitui em uma luta por igualdade de direitos entre mulheres e homens. Entender o significado da palavra gênero, sua origem cultural e histórica é primordial para que possamos entender que as discriminações de gênero são construídas socialmente e não biologicamente. Nesta mesma perspectiva, há a naturalização de tomar como sinônimos as palavras trabalho e emprego, assim desvalorizando-se cada vez mais os trabalhos reprodutivos, que são na maior parte das vezes são

¹ Graduação em Gestão da Tecnologia da Informação pela Universidade da Região da Campanha (2014). Especialista em Gestão e Inovação em Agronegócio pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Mestre em Educação Profissional Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Farroupilha- PROFEPT. Atualmente é técnico administrativo em educação da Universidade Federal do Pampa.

² Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Santa Maria (2007) e mestrado em Ciências Biológicas (Bioquímica Toxicológica) pela Universidade Federal de Santa Maria (2010). Atua como Técnica administrativa em Educação, no cargo de técnica de Laboratório, na Universidade Federal do Pampa. É integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação do Campo e do Grupo de Pesquisa TUNA- Gênero Educação e Diferença, da UNIPAMPA.

³ Graduação em Tecnologia em Gestão Ambiental pela Universidade da Região da Campanha-URCAMP (2013). Participou como voluntária, em 2013, do Projeto de Inventário de áreas naturais na Bacia Hidrográfica do rio Santa Maria.

⁴ Graduação em Ciências Biológicas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2009), Especialização em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Pampa (2013), Mestrado pelo Programa de Pós graduação de Ensino em Ciências pela Universidade Federal do Pampa (2017). Atua como técnica de educação de laboratório na área de biologia na Unipampa. Membro do TUNA - gênero, educação e diferença.

realizados por mulheres, o que gera um acúmulo de jornadas de trabalhos e, em alguns casos, restringe a atuação das mulheres em espaço privado/doméstico. Neste trabalho, apresentamos esses conceitos e discutimos, a partir de algumas práticas realizadas por nós, uma possibilidade de intervenção pedagógica em espaços escolares, baseada nesses conceitos, com a finalidade de esclarecer e possibilitar mais diálogos sobre a igualdade de gênero. Esperamos que, ao final dessa prática, os alunos tenham percebido que as desigualdades históricas entre homens e mulheres envolvem interações sociais, características culturais e relações de poder, bem como a importância de abordar esse tema em sala de aula.

Palavras-chave: Igualdade de Gênero. Educação. Transformação. Discursos.

Abstract: Word meanings are not random conventions. They represent the dominant ideology in society and bring with them a historical perspective of power. It is not by chance, for example, that the word gender is so debated in society, between a fallacy called “gender ideology”, considered as an indoctrination that aims to destroy the Brazilian family and gender equality, which is constituted in a struggle for equal rights between women and men. Understanding the meaning of the word gender, its cultural and historical origin is essential for us to understand that gender discrimination is socially and not biologically constructed. In this same perspective, there is a naturalization of taking the words work and employment as synonyms, thus increasingly devaluing reproductive work, which is most often performed by women, which generates an accumulation of working hours and , in some cases, restricts the performance of women in private/domestic spaces. In this work, we present these concepts and discuss, based on some practices carried out by us, a possibility of pedagogical intervention in school spaces, based on these concepts, with the purpose of clarifying and enabling more dialogues on gender equality. We hope that, at the end of this practice, students have realized that the historical inequalities between men and women involve social interactions, cultural characteristics and power relations, as well as the importance of approaching this topic in the classroom.

Keywords: Gender Equality. Education. Transformation. Discourses.

Recebido em: 20/10/2021

Aceito para publicação em: 19/01/2022

1 INTRODUÇÃO

A educação é um tema debatido tanto no âmbito socioeconômico quanto político, desse modo ela pode servir tanto para projetos conservadores, tradicionais e conformadores das capacidades humanas, voltada para empregabilidade, quanto para projetos libertadores, comprometidos com a ampliação das capacidades humanas e voltados para a transformação social. Considerando as desigualdades históricas entre homens e mulheres, seja no ambiente econômico ou social, entendemos que a escola, como espaço de socialização, não pode se furtar das discussões sobre desigualdade de gênero.

O objetivo deste trabalho é problematizar o uso da linguagem e dos discursos proferidos sobre a mulher que culminaram na desigualdade de gênero e, a partir do entendimento desses discursos, auxiliar na sua desconstrução por meio da proposição de uma proposta educacional. Utilizaremos a tese marxista de que o significado das palavras são resultados de luta de classe, sendo assim os discursos proferidos sobre a mulher são elementos de dominação dos homens sobre elas. Desse modo, será contextualizado o surgimento do significado da palavra gênero, bem como os conceitos de trabalho e emprego.

Este texto está organizado em três partes: a linguagem como elemento de dominação, a escola como elemento de "desconstrução" dos discursos sobre a mulher e, por último, apresentaremos um breve relato de uma proposta educacional que foi/ está sendo desenvolvida e aplicada em escolas públicas no município de Dom Pedrito/ RS.

2. A LINGUAGEM COMO ELEMENTO DE DOMINAÇÃO

A linguagem e a comunicação estão na base da sociedade humana. Sem o domínio linguístico, sem a lógica comunicativa e participativa não se constrói a coesão social, nem a criatividade de sentido do mundo, nem as intervenções que modificam o meio ambiente (BOFF, 2010).

Foi através da linguagem que se construíram os discursos sobre a moral da mulher e qual deveria ser seu papel na sociedade, isso porque a sociedade e a linguagem se interconectam no seu desenvolvimento. Discurso é entendido como aquilo que está instalado nos aparatos jurídicos, no cotidiano, nos gestos e costumes, nas instituições e até mesmo na arquitetura (COLLING, 2014).

Para Marx, a linguagem é igual à força, ao poder e à dominação. É graças à palavra que se busca a dominação. A linguagem é o instrumento de dominação do homem pelo próprio homem (MARX, 2017), no caso da problemática abordada neste estudo, é instrumento de dominação do homem sobre a mulher. Desse modo, os discursos proferidos historicamente sobre a figura da mulher foram primordiais para definir o seu papel na sociedade. Nos dias atuais, se as pessoas dizem o que dizem é porque, de certa forma, elas estão inseridas numa estrutura social em que reproduzem discursos.

Reconhecer os discursos e as práticas que nomearam as mulheres ou as silenciaram no campo da história é a primeira tarefa. Isso porque a história do discurso masculino sobre as mulheres demonstra que, do ponto de vista teórico, as mulheres não existem, são construções de discursos proferidos por homens que ocupavam as instâncias de poder.

Na história das mulheres a dimensão da linguagem, dos discursos, passa a ser uma ferramenta de análise importante, agora não mais como meio de representação da realidade, mas como ferramenta de dominação, isso porque a linguagem não é só vocabulário, mas discurso que numa relação de saber e poder, determina verdades e nos subjetiva (COLLING, 2014). Se os discursos definiram/definem o papel de homens e mulheres, esses discursos podem ser desfeitos, sob a condição que se saiba como foram feitos. Esse deve ser o objetivo central de uma educação voltada para a igualdade de gênero.

3. A ESCOLA COMO ELEMENTO DE “DESCONSTRUÇÃO” DOS DISCURSOS SOBRE A MULHER

Apresentaremos os conceitos de sexo biológico e gênero, bem como de trabalho e emprego, pois a partir deles apontaremos uma possibilidade de intervenção pedagógica, para problematizar a divisão sexual do trabalho e refletir sobre divisões e hierarquizações entre homens e mulheres percebidas no cotidiano do trabalho e na sociedade como um todo.

3.1 Sexo e Gênero

No início dos anos 80, teóricas feministas criaram o conceito gênero para dar conta da entrada das mulheres no domínio público. A categoria gênero começou a ser utilizada para denunciar a discriminação que a mulher sofria em todos os níveis e teve como objetivo principal introduzir, na história global, a dimensão da relação entre os sexos, com a certeza de que esta relação não é um fato natural, mas uma relação social construída e incessantemente remodelada, efeito e motor da dinâmica social (COLLING, 4201). Para essa autora ser homem ou ser mulher é uma construção simbólica que faz parte do regime de emergência dos discursos que configuram sujeitos. Neste sentido, é necessário criticar, desmontar estereótipos universais e valores tidos como inerentes à natureza feminina.

Essas relações sociais que se baseiam nas diferenças percebidas entre os sexos biológicos são uma forma de expressão das relações de poder na sociedade. Segunda essa autora, o sexo biológico pode ser considerado uma espécie de “embalagem” com a qual viemos para a vida, determinada cromossomicamente (CORSINI, 2015). Porém, o mais importante aqui é entender que a biologia não pode ser pré-requisito para divisão social, econômica e cultural entre os indivíduos.

3.2 Trabalho e emprego

O primeiro ato humano, para Marx, é o ato de trabalhar (MARX, O CAPITAL). O trabalho como atividade ontológica é o elemento estruturador do ser social, ele é um valor essencial à vida humana e ao conhecimento do homem, pois pelo trabalho se proporciona a relação do homem com a natureza e com os demais seres.

Para a superação da dualidade histórica da formação básica está a compreensão do trabalho no seu sentido duplo: Trabalho Ontológico e Trabalho Histórico. O primeiro é a relação do homem com a natureza para produzir sua própria existência, assim, produzindo conhecimento. É educativo na medida em que proporciona a compreensão do processo histórico de produção. Trabalho histórico (emprego) é o trabalho assalariado, produção específica da existência humana sob o capitalismo.

Sob essa concepção, o trabalho não pode, apenas, se reduzir à atividade laborativa ou emprego. Ele aparece como atividade crucial para produção dos elementos necessários para vida biológica e social dos seres humanos. Nessa mesma compreensão está implícito o sentido de propriedade, que no sentido ontológico é o direito do ser humano de apropriar-se, transformar, criar e recriar a natureza pelo seu trabalho. Percebe-se a centralidade do trabalho enquanto práxis, não só no plano econômico, mas no âmbito da arte, cultura, linguagem e símbolos.

No capitalismo, é considerado produtivo só aquilo que gera valor de troca no mercado, ou seja, aquilo que pode se “mercantilizar”. Nesse contexto, conforme o capitalismo avança, com ele também avança a ideia de que o trabalho reprodutivo não é trabalho, porque não se vende/troca no mercado. Nessa concepção desvaloriza-se a força de trabalho das mulheres, uma vez que, infelizmente, elas dedicam quase que o dobro de tempo com atividades domésticas, ou seja, na realização do trabalho reprodutivo (COLLING, 2014).

Isso teve como consequência uma diminuição da capacidade jurídica das mulheres em relação aos homens. Desse modo, as relações de poder entre homens e mulheres, eram também relações entre trabalhos domésticos e trabalho produtivo.. Estes limites da feminilidade, determinados pelos homens, são uma maneira clara

Revista Lex Cult, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 231-240, jan./abr. 2022.

de demarcar a sua identidade, como se a mistura de papéis sociais lhes retirasse o solo seguro, uma clara relação de poder dos homens sobre as mulheres.

4. PROPOSTA EDUCACIONAL

Nossa proposta educacional foi realizada na forma de oficinas pedagógicas, a ideia inicial é que esse tema seja desenvolvido com alunos do ensino médio, de forma dialógica e interativa. Consideramos que saber a diferença entre os conceitos de trabalho e emprego é de suma importância, uma vez que a principal característica de divisão sexual do trabalho é a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva, tendo como consequência a dupla jornada de trabalho da mulher. Ademais, esses conceitos serão problematizados com a questão de gênero. Neste sentido, abordar os conceitos Sexo Biológico e Gênero é importante porque esses revelam, em parte, a oposição fundante entre natureza e cultura.

O desenvolvimento da prática acontece em três momentos: No primeiro momento foram apresentados dados sobre as escolhas profissionais, desigualdade salarial, dupla jornada de trabalhos das mulheres, evasão escolar e baixo número de mulheres em cargos políticos. No segundo momento, de forma dialógica e dinâmica, em forma de oficinas pedagógicas, abordou os conceitos de Trabalho, Emprego, Sexo Biológico e Gênero. Foram estimuladas situações de discussões. Destaca-se que discussão é diferente de debate, pois esta última noção remete a situação nas quais os interlocutores defendem posições geralmente incompatíveis. No terceiro momento os discentes foram provocados a propor formas de intervenção na problemática apresentada, isso propicia a professora/o colocar-se no papel do outro, de compreender a realidade pela visão dos alunos como forma de aproximação entre a vida e o que vai ser investigado.

As oficinas pedagógicas foram construídas com materiais interativos, por meio de perguntas, tais como: “O que é gênero?” ou “Qual diferença entre trabalho e emprego?”, além de fotos de revistas e jornais. A partir do conhecimento dos

Revista Lex Cult, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 231-240, jan./abr. 2022.

discentes e de maneira dialógica, educandos e educadores, formularam/reformularam novos conceitos. A partir do entendimento desses conceitos, problematizamos a Divisão Sexual do trabalho, com dados do IBGE, demonstrando como esses números se apresentam de fato na realidade e como interferem na organização social, a exemplo de profissões que são tipicamente ocupadas por homens ou por mulheres, ou até mesmo nas brincadeiras infantis ditas de meninos ou de meninas.

Outro aspecto que pode ser abordado ao longo da intervenção é a menor ocupação das mulheres em cargos de gestão e/ ou em cargos políticos. Visto que a alta demanda de trabalho reprodutivo por parte das mulheres acaba por limitar sua atuação em espaços públicos. Espaços esses que acabam sendo ocupados por homens, que muitas vezes, usam essas representações para manter seus próprios benefícios.

Além disso, conteúdos específicos de diferentes disciplinas e áreas do conhecimento poderão ser abordados por meio de um planejamento estratégico. Nas ciências da natureza pode-se abordar o sistema genético, na matemática pode ser trabalhado tratamento de informações e estatística, na história e geografia a formação da sociedade brasileira, enfim uma possibilidade ampla que pode partir desta proposta.

Durante a aplicação das oficinas, fizemos algumas adaptações e, por vezes, alteramos a nossa dinâmica de trabalho e os materiais utilizados. No entanto, em todas elas, percebemos o engajamento e participação dos discentes, que revelaram interesse em aprender mais sobre o assunto e se demonstraram dispostos a apresentar soluções, mesmo que pontuais, para diminuir a desigualdade de gênero e todos refletiram sobre os discursos que constroem/reconstroem o papel da mulher na sociedade.

Não há pretensão de elaborar um manual ou receita que deve ser seguida à risca, mas uma sugestão de metodologia que deverá ser adaptada e reinventada conforme as possibilidades e características do público e local em que será aplicada.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caro leitora/leitor, esperamos que tenham percebido que as desigualdades históricas entre homens e mulheres envolvem interações sociais, características culturais e relações de poder, bem como a importância de abordar esse tema em sala de aula. Nesse sentido, entendemos que a proposta é apenas um início, um incentivo aos educadores, para abordar a desigualdade de gênero, em diferentes espaços, com o intuito de expor os problemas estruturais, para que sejamos educadores agentes de transformação social.

Compreendemos que é preciso uma mudança de postura pedagógica, ou seja, assumir o compromisso de tomar como centro do processo educativo não a palavra e o saber magistério, mas todas as atividades e vivências do educando, os seus processos de descobrimentos, socialização e singularização. Trata-se de assumir o compromisso de desenvolver um processo educativo orientado para a democracia, assim incentivar todos e cada cidadão para participar efetivamente como sujeitos da construção de uma nova sociedade.

Não se trata de alimentar uma postura reducionista ou ingênua que supõe ser possível transformar toda a sociedade a partir de uma intervenção pedagógica, ou que a partir da escola seja possível eliminar as relações de poder em qualquer instância. Entretanto, é necessário alimentar a postura defendida por Paulo Freire: *“se a educação não pode tudo, alguma coisa fundamental ela pode. Se a educação não é a chave das transformações sociais, ela não pode ser a reprodutora da ideologia dominante”*.

REFERÊNCIA

BOFF, Leonardo. **O Despertar da Águia: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade**. 22. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.

COLLING, A. M. **Tempos Diferentes, Discursos iguais: A construção do corpo feminino na história**. 1. ed. Dourados-MS: UFGD, v. 1, 2014.

CORSINI, L. Gênero. In: TRABALHO REALIZADO PELO INSTITUTO BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL (IBAM), P. A. O. M. E. I. C.-C. **projeto Gênero e Direitos Humanos: Construindo diálogo para a Autonomia Econômica**. 1. ed. Rio de Janeiro: [s.n.], v. 1, 2015. Cap. 1, p. 29-50.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 71. ed Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2019.

MARX, Karl. **Crítica da economia política: Livro I: o processo da produção do capital**/ Karl Marx; tradução Rubens Enderle.-2ª ed.- São Paulo: Boitempo, 2017.